

1. Informações Básicas/Contexto: O Brasil é considerado um modelo exemplar no combate a fome (e por extensão, a insegurança alimentar) pelas organizações internacionais, incluindo a Organização das Nações Unidas para Agricultura e Alimentação (FAO), o Banco Mundial e o Fundo Monetário Internacional (FMI). No início dos anos 2000, como o país vinha experimentando um crescimento econômico significativo por mais de uma década, uma série de programas sociais foram implementados em todo o país. Estes incluíam programas de transferência condicional de renda focados em nutrição, saúde, educação e assistência social, incluindo Bolsa Escola, Bolsa Alimentação, Cartão Alimentação, Auxílio Gás ou Vale Gás. 2003 deu início ao lançamento do Programa Fome Zero. O Fome Zero inclui iniciativas e subprogramas interligados com o objetivo principal de combater a pobreza, a fome e a insegurança alimentar. Com base nos dados da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios de 1999, realizada pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, o Programa Fome Zero identificou a existência de 9,3 milhões de famílias e 44 milhões de pessoas muito pobres (com renda inferior a um dólar por dia, ou cerca de R\$ 80,00 por mês) em agosto de 2001. Estes eram vistos como potenciais beneficiários do Fome Zero devido à sua vulnerabilidade à fome. Essa população representava 22% de todas as famílias brasileiras e 28% da população total do Brasil (Silva et al. 2011, 17). A principal iniciativa do Fome Zero é o Programa Bolsa Família, que hoje se tornou o maior programa de transferência condicionada de renda do mundo, abrangendo 13,9 milhões de famílias em 2015 (Rocha 2016). A título indicativo, somente em fevereiro de 2017, 233766 famílias receberam o benefício Bolsa Família no Rio de Janeiro. O número representa uma cobertura estimada de 79,7% das famílias pobres no município (Pinto 2018, 134).

RELATÓRIO COMUNITÁRIO #1, MAIO DE 2018

NUTRICIDADES

Contextualizando (in)segurança alimentar:
urgências nutricionais da periferia urbana estudadas no Rio de Janeiro





2. O DESAFIO DA INSEGURANÇA ALIMENTAR HOJE EM DIA

Embora a implementação dos programas mencionados acima estão longe de terem resolvido a questão da insegurança alimentar no país, é atribuído ao programa Fome Zero, a ajuda em retirar cerca de 36 milhões de pessoas da pobreza extrema. O valor resulta de relevante indicadores oficiais, mas existem disputas bem documentadas sobre a definição de pobreza. Fazer isso se torna ainda mais difícil em ambientes urbanos informais, como articulados por exemplo, nas favelas, a pobreza nestes lugares não pode ser determinada apenas em termos de renda absoluta, precisam-se incluir parâmetros como infraestrutura pública e moradia e condições de vida em geral (Pinto 2018). O aumento constante dos preços dos alimentos

afeta drasticamente o poder de compra das pessoas e seu potencial de acesso a alimentos nutricionais (Souza et al. 2015). Insegurança alimentar refere-se à falta de acesso seguro a quantidades suficientes de alimentos nutritivos para o crescimento normal e o desenvolvimento de uma vida ativa e saudável (Rede Internacional de Segurança Alimentar 2018, 11). A insegurança alimentar portanto não está apenas relacionada à questão da falta física de alimentos. Na maioria dos casos - e nas cidades em particular - subnutrição e desnutrição estão associados, entre outros, com as populações mais pobres possuindo insuficiente poder aquisitivo para comprar alimentos seguros e nutritivos (Willaarts et al. 2013, 2). O

desafio só deverá se intensificar no futuro, já que os preços dos itens alimentares deverão aumentar ainda mais (Kimberly 2018).

Nos últimos anos assistiu-se uma quase permanente “crise global de alimentos” (Souza et al. 2015, 4, 11, 20) causada por fatores que incluem choques nos preços dos alimentos (ex. em 2008 e 2011) e a tendência ascendente quase constante dos preços de produtos alimentares. Neste contexto, a questão do acesso aos alimentos e, por extensão, da desnutrição, está se tornando mais complexa, pois, está agora diretamente relacionada aos mecanismos de mercado e suas flutuações (ibid.). Apesar do

enorme potencial do Brasil para a produção de alimentos, as políticas relevantes mostraram-se insuficientes para resolver o problema da privação de alimentos. Elas têm sido incapazes de fornecer, ou pelo menos facilitar, suficiente poder aquisitivo para os mais pobres, para garantir alimentos nutritivos. A crescente volatilidade nos preços dos alimentos e a inflação têm um impacto decisivo no combate à insegurança alimentar para os setores mais pobres da população, corroendo potenciais ganhos em sua renda ao longo do caminho.

A questão da insegurança alimentar tem características particulares no contexto urbano.



3. INSEGURANÇA ALIMENTAR NO CONTEXTO URBANO

Em primeiro lugar, sabemos que as transformações econômicas, demográficas e espaciais têm um impacto decisivo nas mudanças dos padrões de consumo de alimentos (Willaarts et al. 2013). No caso do Brasil - e em particular rápida luz da urbanização que ocorreu na segunda metade do século XX - isso se reflete (a) na redução do consumo de alimentos per capita em termos absolutos e (b) nas mudanças significativas na composição da dieta, conforme articuladas nas mudanças na composição da pirâmide alimentar (Ibid.). Dados oficiais indicam que a desnutrição hoje está concentrada nas áreas rurais da periferia capitalista. No entanto, durante períodos de crise alimentar, os pobres urbanos são particularmente vulneráveis ao aumento da inflação alimentar, pois

não produzem alimentos e “não conseguem lidar com a volatilidade e aprovisionamento de alimentos da mesma maneira que as populações rurais” (IHC Global). A desnutrição nas cidades é, em grande parte, consequência da dependência doméstica dos preços dos alimentos cada vez maiores e da renda monetária instável. Além disso, o impacto do estilo de vida urbano sobre os hábitos alimentares (incluindo, por exemplo, estilos de vida sedentários e atividade física reduzida, horários sobrecarregados e aumento do consumo de refeições prontas e comida rápida - “fast food” torna o acesso a alimentos suficientes e nutricionais ainda mais fundamental porém difícil. No quadro geral da insegurança alimentar, é preciso acrescentar as mudanças causadas pela



4. INSEGURANÇA ALIMENTAR NO CONTEXTO DA HOMOGENEIDADE ALIMENTAR, AGROTÓXICOS E ORGANISMOS GENÉTICAMENTE MODIFICADOS (OGM)

crescente homogeneidade nos recursos alimentares do mundo, que tem impacto tanto nos níveis de produção quanto nos de consumo. O assim chamado “ocidentalização” das dietas a nível global, ou seja, a “transição na preferência de alimentos altamente energéticos (produtos de origem animal, óleos vegetais e açúcares) sobre cereais, leguminosas e vegetais” (Khoury et al. 2014, 4001) baseia-se num número limitado de produtos agrícolas globais e produtos processados. Essa ocidentalização alimentar transforma rapidamente a agricultura global e local. Além das transformações nos sistemas agrícolas, essa transição também está fortemente refletida nos hábitos alimentares.

A crescente dependência numa pequena variedade de culturas alimentares está relacionada com a rápida disseminação de uma cultura alimentar baseada em alimentos processados e altamente energéticos, alcançando as periferias rurais e urbanas, e contribuindo, por sua vez, para uma nova epidemia de várias doenças não transmissíveis, incluindo diabetes, doenças cardíacas e certas formas de câncer (ibid. ; Jacobs e Richtel 2017). Especificamente no Brasil, a poderosa indústria de alimentos, que possui estreitas ligações com o sistema político do país (Jacobs e Richtel 2017), impôs na última década uma cultura de “junk food” baseada em alimentos altamente calóricos e pobres em nutrientes. Essas dinâmicas levaram a tipos de desnutrição, dificultando o acesso a dietas balanceadas, apesar do fato de as famílias terem renda mais alta por meio dos programas do governo. Isso indica que a desnutrição não é necessariamente nem exclusivamente o resultado de uma falta de poder aquisitivo, dependendo, em vez disso, do tipo de alimento localmente acessível às pessoas. Os resultados são agora visíveis em todo o país. Alimentação precária das pessoas nas periferias

rurais e urbanas contribuem para a alta incidência de doenças não transmissíveis, como doenças cardiovasculares e Diabetes Tipo II (ibid.).

Outro fator importante entra em jogo quando se trata do acesso a alimentos saudáveis no Brasil, o país é o maior usuário mundial de agrotóxicos. (Veja Campanha Permanente Contra os Agrotóxicos e Pela Vida) Em números absolutos, a agroindústria no Brasil aplica mais agrotóxicos do que qualquer outro país do mundo, e também muitos pequenos agricultores fazem uso comum e frequente de agrotóxicos em suas plantações. Enquanto no ano 2000 a quantidade total de agrotóxicos vendidos no Brasil somou apenas 314 milhões de toneladas de produto comercializado, este valor quase triplicou até 2013, atingindo o pico de 902409 toneladas mantendo esse alto patamar em 2014 e 2015 com valores atingindo em torno da marca de 900.000 toneladas (ibid.).

Além do uso de agrotóxicos, o uso de Organismos Geneticamente Modificados (OGMs) também aumentou significativamente nas duas últimas décadas. Segundo dados levantados pela Campanha Permanente Contra o Uso de Agrotóxicos, em 2003, a área terrestre total com OGMs somava três milhões de hectares em todo o Brasil. Apenas doze anos depois, em 2015, os transgênicos foram plantados em mais de 14 vezes essa área, totalizando 44,2 milhões de hectares (ibid.). A contínua diminuição da diversidade de culturas e o aumento tanto das plantações de OGM como dos agrotóxicos, tornou cada vez mais difícil para as populações obterem acesso a alimentos de qualidade sem agrotóxicos - e aqueles que vivem nas periferias urbanas são afetados desproporcionalmente já que a produção orgânica alternativa é voltada principalmente aos bairros de renda média e alta. Neste contexto, a segurança alimentar como conceito, tem sido criticamente reformulada pelos



5. A SOBERANIA ALIMENTAR COMO RESPOSTA AO DESAFIO DA INSEGURANÇA ALIMENTAR?

movimentos sociais do Sul Global. Por exemplo, através do exemplo estabelecido pelo movimento camponês internacional -Via Campesina, os atores que se mobilizam no setor de produção de alimentos agora listam a soberania alimentar como o objetivo de suas lutas sociais e políticas. Neste contexto, uma abordagem agroecológica da produção de alimentos tem ganhado grande importância, sejam pequenos agricultores em áreas rurais ou periurbanas ou agricultores urbanos, o movimento agroecológico ganhou força nos últimos anos. Dentro da recente crise política no Brasil e apesar da mudança de interesse do atual governo em apoiar quase exclusivamente os interesses da agroindústria, o movimento agroecológico merece atenção particular. Soluções comunitárias para a crise de acesso a alimentos saudáveis, especialmente nas periferias

urbanas, encontrarão através deste movimento muitas experiências e possíveis soluções por meio de formas altamente adaptáveis, locais, de pequena escala e produção de alimentos agroecológicos não industrializadas.

Nossa pesquisa contará com o conhecimento e a interação com comunidades locais das periferias urbanas do Rio de Janeiro para responder a uma questão fundamental: que tipo de papel a agroecologia pode desempenhar ao lidar com a crise alimentar? Abordamos essa questão desde o ponto de vista da periferia urbana e entendemos a agroecologia como um conjunto de técnicas, como um movimento e um afastamento da produção convencional e industrializada de alimentos convencionais e insustentáveis. Um movimento que é possível e necessário.

NutriCidades Equipe de Pesquisa:
Antonis Vradis, Geógrafo, Investigador Principal
Oonagh Markey, Nutricionista, Co-Investigadora
Richard Pithouse, Filósofo, Co-Investigador

Christos Filippidis, Arquiteto, Pesquisador Associado
Timo Bartholl, Geógrafo, Pesquisador Associado
Minhocas Urbanas, Coletivo de Pesquisa Comunitária, Maré/Rio de Janeiro

Esta pesquisa é apoiada pelo Programa Cidades e Infraestrutura da Academia Britânica.
<https://www.britac.ac.uk/nutricities-learning-with-grassroots>

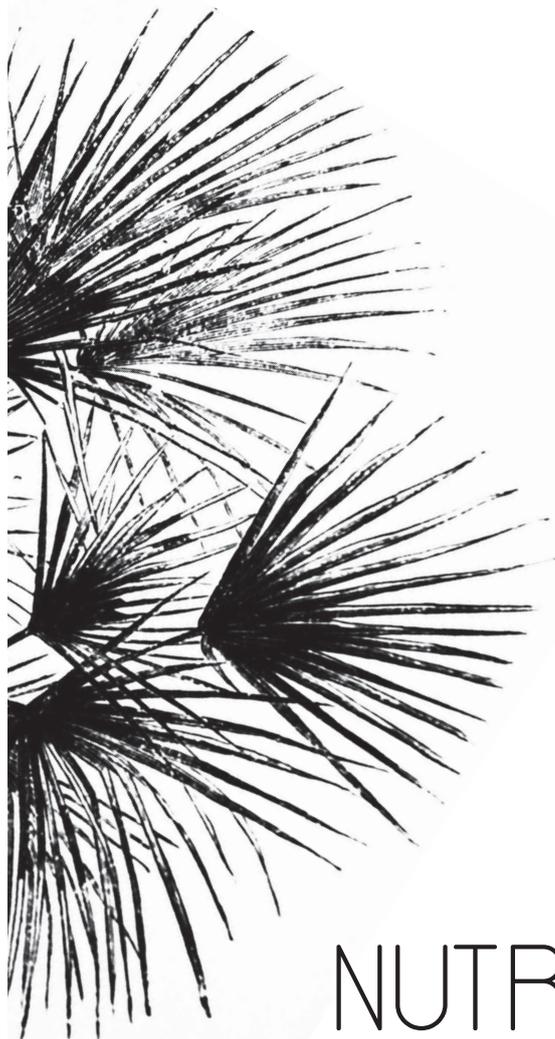
IMAGENS

Página 1: Diversidade de condimentos, todos produzidos de forma agroecológica, na feira Josué de Castro, Fiocruz, Rio de Janeiro (“Fiocruz, Rio de Janeiro” you could add to the English version, too)

Página 2: Encontro mensal da Articulação de Agroecologia do Rio de Janeiro (AARJ) na base da Cooperativa de Pequenos Agricultores de Magé COOPAGÉ. No chão banners de diferentes grupos e movimentos que integram a articulação como a Rede Carioca de Agricultura Urbana (Rede CAU) (in the English version, correct “Network”)

Páginas 3 e 4: O Movimento dos Pequenos Agricultores (MPA) administra um hostel e restaurante no bairro culturalmente diverso e turístico de Santa Teresa. No local, produtos dos agricultores do movimento são vendidos. Todo sábado a casa abre para um “Café da Manhã Camponês” com um buffet de comida camponesa caseira, a maior parte produzida agroecologicamente. Ao mesmo tempo, verduras e frutas são vendidas em uma pequena barraca (3) e produtos processados estão a venda regularmente na pequena loja (4). (Switch the numbers in the English version, page 3 is the market stand, page 4 the processed food items at the store, corre

Página 5: Mãos na massa: O Coletivo de Pesquisa Comunitária Minhocas Urbanas do projeto NutriCidades em uma visita de final de semana ao sítio agroecológico da agricultora e pesquisadora comunitária Dona Juliana. Experiência prática de compostagem de material orgânico, uma prática que poderia e deveria ser cada vez mais disseminada também nas favelas, razão pela qual o coletivo quer aprender a técnica.



NUTRICIDADES

REFERÊNCIAS

- Campanha Permanente Contra os Agrotóxicos e Pela Vida. *Dados Sobre Agrotóxicos*. Retrieved from <http://contraosagrototoxicos.org/dados-sobre-agrototoxicos/>.
- Food Security Information Network (2018). *Global Report on Food Crises 2018*. Retrieved from <https://www.wfp.org/content/global-report-food-crises-2018>.
- IHC Global. *Urban Food Insecurity*. Retrieved from <https://ihcglobal.org/key-policy-topics/urban-food-security/>.
- Jacobs, Andrew and Matt Richtel (2017, September 16). How Big Business Got Brazil Hooked on Junk Food. *New York Times*. Retrieved from <https://www.nytimes.com/interactive/2017/09/16/health/brazil-obesity-nestle.html>.
- Kimberly, Amadeo (2018, March 19). Why Food Prices Are Rising, the Trends and 2018 Forecast. *The Balance*. Retrieved from <https://www.thebalance.com/why-are-food-prices-rising-causes-of-food-price-inflation3306099>.
- Khoury, Colin K., Anne D. Bjorkman, Hannes Dempewolf, Julian Ramirez-Villegas, Luigi Guarino, Andy Jarvis, Loren H. Rieseberg, and Paul C. Struik, (2014). Increasing homogeneity in global food supplies and the implications for food security, *PNAS* *111*(11), 4001-4006. Retrieved from http://www.pnas.org/content/111/11/4001?xid=PS_smithsonian.
- Pinto, Michele de Lavra, (2018). Meanings of Poverty: An Ethnography of Bolsa Familia Beneficiaries in Rio de Janeiro/Brazil. In Margit Ystanes and Iselin Åsedotter Strønen (Eds.) *The Social Life of Economic Inequalities in Contemporary Latin America: Decades of Change* (pp. 129-150). Palgrave Macmillan.
- Rocha, Cecilia, (2016, August 4). Advancing Food and Nutrition Security in Brazil. *World Cancer Research Fund International*. Retrieved from <http://www.wcrf.org/int/blog/articles/2016/08/advancing-food-and-nutrition-security-brazil>.
- Silva, José Graziano da, Mauro Eduardo Del Grossi, and Caio Galvão de França (eds.), (2011). *The Fome Zero (Zero Hunger) Program: The Brazilian Experience*, Brasília: Ministry of Agrarian Development.
- Souza, Sabrina de Cássia Mariano de, Niemeyer Almeida Filho, and Henrique Dantas Neder, (2015). Food Security in Brazil: An Analysis of the Effects of the Bolsa Família Programme. *Review of Agrarian Studies*, *5*(2), 132.
- Willaarts Bárbara A., Ignacio Pardo, and Gabriela de La Mora (2013). *Urbanization, Socio-Economic Changes and Population Growth in Brazil: Dietary Shifts and Environmental Implications*. XXVII IUSSP International Population Conference, 2631 August, Busan, South Korea.